

A GEOGRAFIA E O CONHECIMENTO DO MUNDO

Maria Adélia Aparecida de Souza*

O objetivo deste texto é suscitar algumas reflexões que estimulem pesquisadores e professores, especialmente aqueles dos programas de pós graduação, a pensar sobre a geografia e o conhecimento do mundo, numa perspectiva de aprimoramento do ensino e da pesquisa universitária.

Continuo aqui minhas reflexões iniciadas há tempo e que pude expor, algumas delas no texto que apresentei no Encontro Internacional O NOVO MAPA DO MUNDO.¹

Minhas questões permanecem as mesmas:

1. Qual a nossa compreensão do mundo e dos lugares?
2. Este mundo novo não está por indicar um aggiornamento da nossa maneira de trabalhar a Geografia e a indicar a urgente necessidade de rediscussão da formação do geógrafo como professor, pesquisador, profissional liberal? Ou insistiremos apenas na formação do professor?

Que bases informacionais necessitamos para o nosso trabalho empírico? Estamos felizes com os dados que são produzidos e com as formas com as quais temos acessos aos mesmos?

Que conhecimento tem os geógrafos brasileiros, do Brasil e do mundo? Temos uma produção brasileira para tanto, ou estudamos o mundo com os saberes dos outros?

Como temos feito Geografia? Nossa temática, em que medida ajuda a conhecer o mundo e os lugares, nossa missão essencial?

Afinal, os geógrafos são produtores ou usuários dos SIGs - Sistemas de Informação Geográfica?

Mas, o que é o mundo?

Questão fácil de formular, mais por demais complexa para ser respondida. Mas de que mundo trata a geografia?

* Professor Livre Docente da USP
Secretária da ANPEGE

¹ O ensino da Geografia na virada do século. São Paulo, HUCITEC, 1994 (2 edição).

Para abarcar esta questão, é fundamental filosofar.

Para Ortega y Gasset, el mundo soy yo y mi vida, yo y mis circunstancias. Mas, para que exista o mundo como verdade, é preciso que exista outra, o seu anverso: o pensamento. Mas as coisas não são tão simples assim, pois também, o reconhecimento da vida como realidade primordial é o primeiro ato de conhecimento pleno e incontrovertível. (ORTEGA Y GASSET, 1984:53).

Esta questão pode tomar um rumo interessantíssimo se trouxermos à baila ADORNO E HORKHEIMER² (1969), ao tratarem da Dialética do Esclarecimento, numa interessante crítica ao iluminismo. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal. O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo. (idem 1969:19).

O que é importante no primeiro texto desse livro, sobre O Conceito de Esclarecimento é uma interessante discussão da relação Homem Natureza, natureza como essência e como meio, num importante diálogo com o saber e uma profunda discussão sobre o mito. O saber que é poder não conhece nenhuma barreira, nem na escravização da criatura, nem na complacência em face dos senhores do mundo. ... A técnica é a essência desse saber, que não visa conceitos e imagens, nem o prazer do discernimento, mas o método, a utilização do trabalho de outros, o capital. (idem p.20). São reflexões sobre o pensamento de BACON. E insistem O que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens.

Só o pensamento que se faz violência a si mesmo é suficientemente duro para destruir os mitos.

Ensinar sobre o mundo é também refletir sobre toda essa problemática.

Para Milton Santos (1994)³, o mundo é um conjunto de possibilidades que abriga um rearranjo das fronteiras, dando novos

² Dialética do esclarecimento, 1969. Zahar ed. Rio de Janeiro. É inacreditável a atualidade desse texto escrito em 1947! É possível conjeturar a partir dele que o mundo muda, diferentemente sempre, para uns e outros. Daí a importância, por exemplo do cuidado do discurso sobre a modernidade, por exemplo.

³ Ver Técnica, Espaço e Tempo, HUCITEC, São Paulo, 1994 e Aceleração Contemporânea: Tempo Mundo e Espaço Mundo, HUCITEC/ANPUR, São Paulo, 1994.

mapas políticos da globalização. Esse mundo de hoje é marcado pelo novo meio técnico científico no qual dois elementos explicativos maiores são a cultura e a técnica. (idem, 1994:12). E, a informação ocupa um lugar central nesse debate.

Exatamente neste ponto do meu raciocínio, parece-me interessante introduzir a importância do papel da Geografia e a necessidade do seu rigor.

O espaço geográfico, nesta perspectiva se apresenta como instância. Lugar e mundo nesta contemporaneidade, mais do que nunca se apresentam como totalidade e simultaneidade.

Mas atenção: exatamente face a estas características é fundamental conhecer a distinção entre a cultura de massa e a indústria cultural, disseminadoras de uma ideologia que se esgota na idolatria daquilo que existe e do poder pelo qual a técnica é controlada.

É exatamente nesta perspectiva também que os intelectuais precisam estar atentos, pois na complexidade desse processo contemporâneo está imbutida uma homogeneidade equivocada também sobre o pensamento que neutraliza a possibilidade da crítica e do livre pensar, como se o mundo fora dado por estes meios.

Aqui também é importante estar atento a problemas que Milton Santos vem chamando atenção: a questão do discurso politicamente correto, mas sem nenhum texto.

A Geografia tem de ser o texto competente do mundo. Estabeleço aqui uma distinção entre texto e discurso e sua relação com o poder, inspirada em BARTHES (1978)⁴, em sua magistral AULA. A linguagem é o objeto no qual se inscreve o poder, em toda a eternidade do homem. A linguagem é uma legislação, a língua é um código. (idem:12). Mas é através da escrita que o saber reflete, sem cessar sobre o saber, segundo um discurso que não é epistemológico, mas dramático. Mas cuidado, diz Barthes, pois esta oposição entre ciências e letras, cujas relações no mundo de hoje são cada vez mais próximas e numerosas, seja como modelo, seja como método, aproximam cada vez mais estas duas abordagens e eliminam suas fronteiras. E, é possível que esta oposição apareça um dia, como um mito histórico. Segundo um certo discurso da ciência, o saber é um enunciado. O que Barthes propõe não é separar sábios, pesquisadores de um lado e os escritores do outro. O que ele propõe através de seu paradigma é que, pelo

⁴ Leçon. Seuil, Paris, 1978. Trata-se da aula proferida por Roland Barthes, quando da sua entrada no Collège de France.

contrário, a escrita se encontre em todo lugar onde as palavras tem sabor. C'est le gout des mots qui fait le savoir profond, fecond (ibidem p. 21) E, é exatamente nesta perspectiva que ele vai estabelecer a distinção entre o texto e o discurso, elementos fundamentais para uma reflexão sobre a geografia-texto do mundo.

É preciso, especialmente no processo da pós graduação, que estejamos muito atentos a estas proposições para não confundirmos o discursos pretensamente competentes, com os textos, revelação concreta do mundo.

Aqui entra uma outra discussão importante, para assegurar a geografia essa tarefa nobre. É fundamental retomar a questão teórica e epistemológica. Temos feito um enorme esforço neste sentido, rediscutindo a essência do nosso fazer através de uma revisitação dos nossos paradigmas, conceitos e categorias analíticas. Mas é fundamental que isto se ajuste à produção do nosso texto sobre o mundo, que, para nós, tem uma materialidade concreta. O mundo, para os geógrafos se torna real, concreto. Daí a absoluta importância da compreensão do que seja o espaço geográfico, mediador entre mundo e lugar. Mundo que, a partir daí se configura também como um sistema de objetos e ações historicamente produzidas e materialmente, para nós, cravados na História.

Para que a Geografia contribua na compreensão do mundo, é absolutamente urgente esta compreensão.

Mas, insisto, é preciso estar atento às armadilhas do mundo novo. Precisamos compreender o novo e não confundí-lo com a novidade, como chama atenção mais uma vez Milton Santos.

Insistindo sobre a questão do espaço geográfico.

É importantíssimo que os geógrafos esponham com clareza seus conceitos mestres, quais sejam: natureza, espaço, paisagem, lugar e território.

Não há tempo aqui e nem é objetivo deste texto aprofundá-los todos.

Apenas insistirei na questão do espaço, pois parece-me que é essencial para a nossa contribuição. Basta lermos o que produzimos para verificar, ainda uma multiplicidade de abordagens:

- . o espaço como um campo;
- . o espaço como um receptáculo;
- . o espaço como um vácuo;
- . o espaço social.

Em nossos textos, tem sido frequente, ainda a confusão entre espaço e paisagem, revelando uma confusão e uma dificuldade evidente para a compreensão do mundo.

SANTOS (1978), nos conduz a uma proposição no sentido de assumir o espaço como instância social. E prossegue em 1985 ao propor que o espaço não pode ser apenas formado pelas coisas, os objetos geográficos, naturais e artificiais, cujo conjunto nos dá a natureza. O espaço é tudo isso mais a sociedade: cada fração da natureza abriga uma fração da sociedade atual. (idem, 1985:1). Já, a paisagem se constitui num conjunto de objeto geográficos distribuídos sobre um território, sendo sua configuração geográfica ou espacial, a maneira como esses objetos se dão aos nossos olhos, na sua continuidade visível. Considerada como um ponto determinado no tempo, uma paisagem representa diferentes momentos do desenvolvimento de uma sociedade. A paisagem é o resultado de uma acumulação de tempos. Para cada lugar, para cada porção do espaço, essa acumulação é diferente. (idem: 38).

A paisagem, é portanto, formada de fatos do passado e do presente. Ela revela processos sociais e, conseqüentemente processos de produção e apropriação do espaço e sua evolução. A sua compreensão, só se torna possível, mediante a compreensão do processo dialético entre forma (espaço visível de uma coisa), estrutura (interrelação entre todas as partes de um todo), função (atividade ou tarefa de uma forma, pessoa, instituição ou coisa) e processo (ação contínua, desenvolvendo-se em direção a um resultado qualquer, implicando conceitos de tempo - continuidade - e mudança).

Isto, a meu ver implica admitir que o espaço geográfico é uma complexidade e uma totalidade. Mas, para se compreender o espaço social em qualquer tempo, é fundamental tomar em conjunto forma, função e a estrutura, como se se tratasse de um conceito único, exatamente para não perdermos a história da totalidade espacial.

Não fora pela compreensão do espaço geográfico, toma-se difícil, nesta contemporaneidade compreender a aproximação entre o mundo e os lugares.

A aproximação dos lugares, se dá pela instantaneidade da informação globalizada, tomando possível o conhecimento de acontecimentos simultâneos, criando entre lugares e acontecimentos, uma relação unitária na escala do mundo.

É pensando sobre todas estas coisas, que o nosso trabalho, para que seja um texto competente, precisa revelar, em que medida a nossa escolha, para reflexão, possibilite a compreensão do mundo.

Um exercício sobre a produção da geografia da USP, nos últimos 20 anos.

Para não trair a minha metodologia de trabalho, trago para reflexão nesta nossa reunião, os dados absolutamente simples de um levantamento feito junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da USP, que continua a ser um responsável importante por uma produção significativa dos mestrados e doutorados em Geografia do Brasil. Apenas elaboramos sobre uma listagem que contém os títulos das dissertações e teses (portanto temas pesquisados) e as datas.

Deixarei as observações sobre a Geografia Física à cargo de minha colega Lylian Coltrinari. Vejamos:

1. Na análise geral dos dados (Física e Humana), é assustadora a endogenia: 37,2% dos Doutores em Geografia Física e Humana, também fizeram o seu Mestrado no Departamento de Geografia da USP. Isto nos dá a dimensão da nossa responsabilidade e da qualidade da Geografia que produzimos.

2. A deformação produzida pela década de oitenta que vai se refletir com o aumento na quantidade de teses produzidas em 90, criando em São Paulo uma verdadeira Indústria da tese, sem, como é sabido e conhecido um aumento do número de professores.

3. O espectro das temáticas pesquisadas merecem uma reflexão muito profunda: puderam ser identificados, na nossa visão 17 temas pesquisados.

| | |
|------------------------|-----|
| Geografia Agrária | 20% |
| Geografia Urbana | 20% |
| não identificados | 11% |
| Ensino | 6% |
| Migração, População | 5% |
| Indústria | 5% |
| Agroindústria | 4% |
| Posse da Terra | 4% |
| Habitação e Moradia | 4% |
| Metodologia | 3% |
| Geopolítica | 3% |
| Cartografia | 3% |
| História do pensamento | 2% |

| | |
|----------------------|-----------|
| Meio Ambiente | 2% |
| Gênero | 1% |
| Região | 1% |

Como todos os problemas que apresentam as classificações, o que trago aqui, de qualquer maneira é algo bastante próximo da realidade, que de qualquer maneira servem como dado para reflexão sobre a nossa prática.

O que devemos discutir é, em que medida ela nos ajuda a compreender o mundo e os lugares.

O desafio está lançado. Oxalá possamos ter luzes sobre ele, nesta reunião.